

O TEMPO, UM BEM NÃO RENOVÁVEL: UMA PERSPECTIVA DE KRONOS E KAIRÓS NAS RELAÇÕES HUMANAS

Mateus de Fátima Brandão¹

“...carpe diem, quam minimum credula postero”²

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como finalidade traçar um esboço objetivo e claro da concepção pós-moderna em relação ao tempo e seus desafios. Sendo assim, vamos estudar a concepção grega sobre o tempo, mais precisamente Uranus, Cronos e Zeus. E o tempo como objeto teológico, mais especificamente suas definições e razões. E por fim, o tempo como um bem abstrato e não material. Finalmente, após estas três considerações, procuraremos aplicá-las na forma pós-moderna de enfrentar a vida. Tendo em vista, a tentativa frenética que a ciência e a tecnologia possuem em fazer que o tempo de vida seja prolongado cada vez mais.

Um Fenômeno Abstrato

O que seria o tempo na concepção pós-moderna de encarar a vida, qual a relação estabelecida por esta geração em relação ao tempo? A impressão que se tem, é que homem na sua complexidade trava uma árdua batalha com relação ao tempo. Não ao tempo como um fenômeno da natureza, que se manifesta com a

¹ Aluno do Curso de Pós-Graduação, Mestrado, em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

² O termo foi escrito pelo poeta latino Horácio (65 a.C.-8 a.C.), no Livro I de “Odes”, em que aconselha a sua amiga Leucone. Uma tradução possível para a frase seria “...colha o dia de hoje e confie o mínimo possível no amanhã”.

chuva, sol, frio, fenômenos climáticos e conturbações semelhantes. Mas ao tempo como sinônimo de vida, fôlego, existência, ou do tempo como morte.

Voltando a falar do tempo como objeto de desejo, é necessário ter a exata compreensão de que o tempo é uma prerrogativa ou uma luta do homem pensante. Esse homem complexo no raciocínio de G.K. Chesterton que diz:

Muito, muito longe em alguma estranha constelação em céus infinitamente distantes, existe uma pequena estrela, a qual astrônomos podem um dia vir a descobrir. Pelo menos eu nunca consegui observar nos rostos e modos da maioria dos astrônomos ou homens de ciência qualquer evidencia de que tenham descoberto; embora, verdade seja dita, eles tenham o tempo todo girando em torno dela. É uma estrela que produz por si mesma plantas muito estranhas e animais muito estranhos; e nenhum mais estranho que o homem de ciência³.

Sim, ele tem razão em afirmar que esse homem de ciência é um ser estranho, enigmático. Anormal seria pensar que algum outro ser em toda galáxia vivesse sob a tirania do tempo. Os pássaros por mais irracionais que possam parecer, simplesmente cantam, voam e quando lhes já esta providenciado, morrem. Será que por mais irracionais que sejam as espécies, há a possibilidade de alguma delas viver sob a perspectiva de que a vida um dia chegara ao fim? Por mais complexo que possa parecer à palavra fim nessa frase, pois mesmo o homem pós-moderno não compreende e nem vive na perspectiva de um fim, por que sua intenção é sempre em prolongar a chegada desse momento? O autor de Eclesiastes deixa confuso aos que se imaginam eternos, ou que se imaginam deuses e senhores do destino quando diz:

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu. Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou; Tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derrubar, e tempo de edificar; Tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de dançar; Tempo de espalhar pedras, e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar, e tempo de afastar-se de abraçar; Tempo de buscar, e tempo de perder; tempo de guardar, e tempo de lançar fora; Tempo de rasgar, e tempo de coser; tempo de estar calado, e tempo de falar; Tempo de amar, e tempo de odiar; tempo de guerra, e tempo de paz.⁴

Melhor lhes seria negar a importância dessas afirmações, que levar uma vida frugal e humildade. Existe uma prerrogativa na existência que não há nenhuma

³ CHESTERTON. G.K., O HOMEM ETERNO, Editora Ecclesiae, 1ª Edição – Março de 2014. Pg. 25.

⁴ Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada.

possibilidade de ser negada ou desprezada, todos, nascem e morrem. Aqueles que planejam durar mais, precisam produzir algo para a humanidade e deixar um legado, nas artes, ciências, literatura, ou até mesmo um legado de moralidade e ética para sua futura geração. Há um tempo para todo o propósito debaixo do céu.

O tempo como existência ou deixar de existir, outra complexidade que foge ao controle humano, pois o que seria existir, ou existência. Quando é que uma pessoa existe ou deixa de existir?

As experiências humanas são fenômenos complexos e mutáveis, inseridos em contextos diversos e alienados, cujas explicações prescindem de muitos conceitos específicos para que se tornem inteligíveis. Desde os seus primórdios, o homem busca compreender a realidade na qual está inserido e o mundo no qual transcorre a sua vida. Esta compreensão depende fundamentalmente dos conceitos espaço e tempo, entendidos como as primeiras instâncias às quais recorre à percepção humana do existir.⁵

É bem claro que essa concepção torna-se subjetiva quando se observa o homem como um ser individual em suas diversas camadas. Levando em conta a hipótese de que nem todos os homens do universo em suas mais diversas e distintas culturas são guiados e movidos pelo tempo. No próprio fragmento acima, observa-se que o quesito espaço não possui muita complexidade, pois o mesmo é mensurável pelas medições geométricas e preenchimentos de massas. O mesmo não pode-se dizer do tempo. O tempo esta mais para intuição que para mensurações físicas⁶.

Realidade é que a humanidade sempre se relacionou com tempo, desde sua existência:

A observação da natureza se configura como a primeira percepção que o homem tem da passagem do tempo. Os ciclos das estações e da vegetação atestam a humanidade a existência de uma vontade superior, divina, que assegura ao mundo sua constante regeneração. Ao entender esta vontade, a humanidade desenvolveu o seu pensamento religioso, identificando-se com seus deuses a partir das sensações experimentadas.⁷

⁵ GONÇALVES Ana Teresa M. *Professora Adjunta de História Antiga e Medieval da UFG. Doutora em História Econômica pela USP. Ivan VIEIRA Neto** Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás. Uranos, Cronos e Zeus: a mitologia grega e suas distintas percepções do tempo.

⁶ IBID

⁷ IBID

E sobre essa busca que falaremos nesse momento. Primeiro veremos a idéia de tempo no grego: Kairos – Plenitude, proporção, adequação, uma situação que satisfaz, um lugar adequado, por ser também um limitado período de tempo marcado pela adequabilidade das circunstâncias, uma época satisfatória, oportunidade, um limitado período de tempo marcado por circunstâncias características, uma época marcada⁸. Ainda assim, não torna o trabalho de delimitar o tempo uma tarefa fácil. Vejamos ainda o que diz Ricardo da Costa em seu trabalho sobre o tempo:

Em um segundo momento, era preciso compreender outro mistério, muito menos sondável que as transformações pelas quais passava a natureza: a própria mortalidade. Percebendo que a morte da vegetação é anual, passageira, a humanidade se viu confrontada pela sua realidade distinta: o homem morre, mas não retorna. O seu corpo desaparece. Quando refletiu sobre a morte, o homem se encontrou defronte um problema fundamental: o seu tempo não era aquele mesmo tempo natural, era um tempo outro, curto e finito diante da grandiosidade do tempo natural e renovável. Enquanto o tempo da natureza transcorria em círculos, o tempo humano parecia muito distinto, progredindo em uma reta linear. Mais misterioso que a natureza, o tempo se apresentava insuperável.⁹

Tal afirmação acadêmica, quando desenvolvida em pé de igualdade com os elementos práticos da vida, são ainda mais intensos e assustadores. O tempo é um bem não renovável. Não sendo reciclável, o tempo possivelmente seja uma dos bens mais preciosos que esteja à disposição do homem, não há como estocá-lo, não há nenhuma possibilidade de depositá-lo em uma conta bancária e fazê-lo render, não há possibilidade de redimi-lo. Tempo que se foi não volta mais, a uma esperança que se tem de um tempo passado são as alegrias por ter levado a sério o tempo que se teve, ou os arrependimentos por desperdiçá-lo e vê-lo jorrar ralo a baixo e nada mais poder fazer a não ser lamentar a preciosidade que se foi se nunca mais voltar. E é justamente esse fator que faz o homem ser finito em sua essência.

Fazer-se Eterno

⁸ K. Molton. Harold, *Léxico Grego Analítico*, Editora Cultura Cristã, 2007, p. 202.

⁹ COSTA, Ricardo da (coord.). *Mirabilia 11* Tempo e Eternidade na Idade Média Tiempo y Eternidad en la Edad Media – Time and Eternity in the Middle Ages Jun-Dez 2010/ISSN 1676-5818

Para melhor compreensão vejamos o que diz Agostinho sobre a finitude e incertezas que cercam a vida humana quando em sua obra o questionamento “Pode o homem ser feliz e mortal?”(AGOSTINHO, 29). Ele mesmo responde que:

Alguns, considerando-lhe com humildade a condição, negam ao homem a possibilidade de ser feliz, enquanto viver para morrer. Outros, exaltando-se a si mesmos, atreveram-se a dizer que o sábio, embora mortal, pode alcançar a felicidade. Se é assim, porque não elevá-lo, antes, à categoria de mediador entre os mortais infelizes e os bem-aventurados imortais, se com estes partilham a felicidade e com aqueles a mortalidade?¹⁰

As reminiscências do homem pensante são exatamente o seu senso de validade irrevogável diante de uma realidade de subordinação ante ao fato de que ele um dia ira morrer. Agostinho afirma ainda “Se, de acordo com a opinião mais provável e mais digna de confiança, os homens são todos necessariamente infelizes, enquanto permanecem sujeitos a morte...”,(AGOSTINHO, p. 30) dando continuidade, Agostinho afirma que para se curar dessa tal infelicidade, é fundamental que ele o “homem” procure um mediador que não seja apenas homem, mas também Deus (AGOSTINHO). “E por intervenção de bem-aventurada mortalidade, conduza os homens da miséria mortal à imortalidade feliz” (AGOSTINHO, p. 30). Diante de tantas incertezas, pode-se dizer que essa louca afirmação seja a mais coerente para o nosso raciocínio. Será se essa infelicidade esta refletida nas angustias humanas, na forte ênfase ao novo, ao belo, ao moderno? As caricaturas do homem moderno espelham com clareza essa tristeza, ou infelicidade, que fruto de uma incapacidade e impotência do homem diante de sua finitude.

Enquanto isso, em um laboratório qualquer, mascara e maquiagens são construídas a fim de ludibriar a certeza de uma existência passageira. Lançando mão dos meios mais modernos, incertos, mas desprovidos de qualquer interesse beleza natural, no entanto, adornado de toda luxuosidade material e pompa hedônica, para fazer o homem parecer aquilo que ele nunca será, eterno. Voltemos aos termos e definições segundo a compreensão dos mitos gregos, que são constituídos de pelo menos três elementos, que são o tempo dos deuses, o tempo linear e o tempo circular. Como pode-se ver no fragmento abaixo.

Nos mitos gregos existem três tempos distintos: o primeiro e o “tempo dos deuses, a eternidade em que nada acontece”; segue-se a este o tempo linear dos homens; e um

¹⁰ AGOSTINHO. Santo, A Cidade de Deus. Volume II. Editora das Américas – São Paulo, 1961. Pg. 29.

terceiro tempo, que é um tempo circular, “uma existência semelhante a da Lua, por exemplo, que nasce, cresce e morre indefinidamente” (VERNANT, 2000: 76-77, Apud, COSTA, 2010).

No âmbito de Kairós, há o tempo da oportunidade, aquele tempo não mensurável, não tangível, que não se pode acolher na concepção cronológica, vejamos alguns trabalhos já publicados em relação ao tema.

Por outro lado, Kairós simboliza um tempo que, ao contrário de Kronos, é irreduzível e transcorre de uma forma relativa à presentificação de cada um que o percebe e o vivencia (Ribeiro, 1962). Na realidade, é a representação do tempo subjetivo, que pode ser a eternização do momento pela presentificação em sua elaboração. Significa também o momento oportuno, a oportunidade agarrada. Era representado por um jovem atlético, com asas nos pés, que tinha como principal característica transitar em velocidade vertiginosa por todo o mundo de forma aleatória, sendo, assim, impossível se prever um encontro com ele (Ribeiro, 1962)¹¹

O tempo da oportunidade não pode ser tocado, apenas vivido e aproveitado, ele apenas pode ser percebido e bem utilizado por nos mortais, há aqueles que atravessam uma vida inteira e se da conta apenas no fim da existência que perdeu esse bem tão precioso ao lado das pessoas que ama, família, amigos e muitas vezes consigo mesmo. Muito provavelmente um jovem idealista tenha dificuldade de se relacionar com o Kairós. Ele está em busca de realizações pessoais, desbravando mundo e competindo com seus semelhantes, enquanto isso ocorre, aquela demora a mais entre um jantar e outro com a família perde o sentido. Aquela atenção recebida dos filhos se torna em atraso e pressão no trabalho.

Dessa forma, há duas categorias de tempo: uma lógica, contabilizável, quantificável, comum e previsível, que pode ser mensurada e dividida em anos, meses, dias, horas minutos e segundos, um tempo universal e que serve de norteador para vários processos sociais. A segunda categoria é um tempo não racional, qualificável, pessoal, imprevisível e mutável, que não pode ser compartilhado com o outro, que, mesmo sendo enunciado, só pode ser entendido plenamente por aquele que o vive.

Concluindo, pode-se afirmar que “Kairós é aquela sensação de que, durante uma atividade prazerosa, o tempo corre rápido; e um espaço de tempo muito menor sob uma tarefa desgastante parece não ter fim se ao mesmo tempo se eterniza na

¹¹ MARTINS. José Clerton de Oliveira,, 1 , AQUINOLL. Cássio Adriano Braz de, 2 , SABÓIAL. Iratan Bezerra de, 3 e PINHEIRO. Adriana de Alencar Gomes, De Kairós a Kronos: metamorfoses do trabalho na linha do tempo. Universidade de Fortaleza (Fortaleza, CE) II Universidade Federal do Ceará (Fortaleza, CE). Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2012, vol. 15, n. 2, p. 219-228

recordação do vivido”¹², ou seja, vive-se com apreço ao Kronos, entretanto, é o Kairós o mais relevante. Mesmo que materialmente falando, a vaga impressão que se tem é que o Kronos seja rentável e produtivo, no fim da vida todos se renderam ao Kairós. Há uma inversão nas relações entre Kronos e Kairós na sociedade moderna, pois no modelo pré-industrial a relação era amistosa e convergente e não inimigas e opostas, pois:

Ao contrário do que se faz hoje, não existiam tempos dedicados a certas ações. Por exemplo, o ato de educar era concomitante ao ato de preparar a comida. Alimentava-se ao mesmo tempo que se educava; brincava-se enquanto se caçava ou se cuidava dos recém-nascidos. Essa configuração das atividades cotidianas fazia que toda ação representasse todo o processo de existir em compartilhamento, em que todos participavam de tudo e, por isso, eram sujeitos atores de seus tempos, convocando cissões apenas quando das necessárias ritualidades das festas.¹³

Magnífico seria se o homem moderno aprendesse tal arte, pois foi exatamente nesse contexto que:

O homem conheceu a possibilidade de um aumento tal na produção de bens de subsistência, que permitiu um grande crescimento populacional e, conseqüentemente, um sistema cada vez mais avançado de trocas. É a partir desse ponto que se desenvolveram sociedades à margem dos rios (principais pontos de terra fértil), as chamadas civilizações hidráulicas.¹⁴

Com o passar do tempo, as mudanças foram ocorrendo, e o tempo sagrado foi sendo transformado em capital, talvez uma das maiores desgraças da humanidade que atualmente se tornou refém de subterfúgios sintéticos e virtuais. E tudo aquilo que deveria ser prioridade na vida do homem, foi sendo deixado de lado e:

Assim, o tempo sagrado, vivido pelas sociedades antigas (Dejours, 1996), como o tempo central nestas vai dando lugar paulatinamente ao tempo do trabalho. Com a Revolução Industrial, essa vinculação temporal fica ainda mais presente, e o tempo laboral passa a ser inflacionado e a submeter de forma cada vez maior os outros tempos sociais.¹⁵

¹² MARTINS. José Clerton de Oliveira,, 1 , AQUINOLL. Cássio Adriano Braz de, 2 , SABÓIALL. Iratan Bezerra de, 3 e PINHEIRO. Adriana de Alencar Gomes, De Kairós a Kronos: metamorfoses do trabalho na linha do tempo. Universidade de Fortaleza (Fortaleza, CE) II Universidade Federal do Ceará (Fortaleza, CE). Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2012, vol. 15, n. 2, p. 219-228

¹³ IBID

¹⁴ IBID

¹⁵ IBID

O tempo tornou-se um caos, as conversas são cronometradas e os diálogos substituídos por presentes.

Os demais tempos sociais, que antes conviviam lado a lado com o tempo de trabalho, foram diminuindo gradativamente: o tempo da família, o de lazer... enfim, o tempo autogerido do sujeito começou a ser tomado por esse tempo de trabalho, que invadiu, inclusive, as horas de descanso.¹⁶

Considerações finais

Deve-se analisar o impacto resultante da inversão categórica de valores entre Kronos e Kairós. A subjetivação entre ambos se deu como resultado de uma deformação dos princípios humanos e dos valores duráveis, não físicos, mas duráveis por serem memoráveis. Os reflexos dessa degeneração podem ser facilmente vistos na sociedade moderna, ou talvez não tão moderna assim, pois em muitos eventos deixa transparecer seu instinto animalesco desprezando o valor do ser humano em troca de uns trocados a mais.

Na ruptura social, entre o essencial e o subjetivo “tempo é dinheiro”, enquanto que na realidade distante das máquinas que são usadas para substituir a paixão humana e até mesmo para esconder seus delírios, tempo precisa ser novamente reincorporado a categoria de vida plena, sendo assim, tempo é vida não despedaçada.

Mas no seu inconsciente, esse homem delirante, sabe que está preso ao ciclo, e que cedo ou tarde irá partir, mesmo que seu desespero e incalculáveis tentativas em frear, barrar ou até mesmo adiar o tempo de sua partida, o tempo do seu fim se dará e nada mais poderá ser dito acerca de sua existência nessa terra, ela não passará de lembranças boas ou ruins somente.

Viver o tempo, essa é a razão da existência humana.

¹⁶ IBID

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA. João Ferreira de, Bíblia Sagrada Revista e Atualizada.

AGOSTINHO. Santo, A Cidade de Deus. Volume II. Editora das Américas – São Paulo, 1961.

CHESTERTON. G.K., O HOMEM ETERNO, Editora Ecclesiae, 1ª Edição – Março de 2014.

COSTA. Ricardo da, *Mirabilia 11* Tempo e Eternidade na Idade Media Tiempo y Eternidad en la Edad Media – Time and Eternity in the Middle Ages.

GONÇALVES Ana Teresa M. *Professora Adjunta de História Antiga e Medieval da UFG. Doutora em História Econômica pela USP. Ivan VIEIRA Neto** Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás. Uranos, Cronos e Zeus: a mitologia grega e suas distintas percepções do tempo.

MARTINS. José Clerton de Oliveira,, 1 , **AQUINOLL.** Cássio Adriano Braz de, 2, **SABÓIALL.** Iratan Bezerra de, 3 e **PINHEIRO.** Adriana de Alencar Gomes, De Kairós a Kronos: metamorfoses do trabalho na linha do tempo. Universidade de Fortaleza (Fortaleza, CE) II Universidade Federal do Ceará (Fortaleza, CE). Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2012, vol. 15, n. 2,

MOLTON. Harold K., Léxico Grego Analítico, Editora Cultura Cristã, 2007.